

Resgatando a relação entre ensino e pesquisa na universidade:

A Iniciação Científica

Angela de Faria Vieira

Em documento dirigido aos alunos do 7º período de Relações Públicas do Curso de Comunicação Social na UERJ, intitulado: "A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA PESQUISA MONOGRÁFICA: ITENS PARA UMA REFLEXÃO MAIOR" abordei numa ótica teórico-prática a questão do relato monográfico das pesquisas discentes para finalização de curso dentro de um universo de significações que considero da maior importância compartilhar com outros colegas docentes.

A monografia de final de curso evidencia uma culminância na trajetória de estudo discente, e caracteriza também uma realidade de terminalidade do bacharelado.

Através do "locus" da sala de aula, na dinâmica do processo ensino-aprendizagem tem sido compartilhada uma "saga de vivências" cujo objeto das trocas informacionais é a **idéia de saber científico**.

Utilizando a forma de itens de apon-tamento (que seguiu sob a forma manuscrita aos alunos, desejando ser aproximativa e "leve" na enunciação de um pensamento crítico e de complexidade cognitiva) foram os seguintes ITENS PARA UMA REFLEXÃO MAIOR que organizei:

- A idéia de construir um PROJETO DE PESQUISA ou estudo deve ser inserida num **universo de significações** de cada um. Não deve ser concebida, ou traduzir-se, num "embrulho normativo", nem numa proposta sem correspondência com os verdadeiros propósitos de investigação discente, pois:
 - ou se "abraça" a organização do pensamento por critérios de cientificidade (não é mera objetividade, deve haver lugar para subjetividade e intersubjetividade do saber) para articular o conhecimento apreendido e as informações coletadas;
 - ou se assume uma posição de marginalidade dos discursos e práticas, aqui nos interessando de perto, de iniciação científica (uma dissidência para ser construída, para ser a "voz" de uma nova expressão, deve ser cuidada para não se constituir numa oposição "vazia" ou "insuficiente").

- Ainda que o assunto que cada um esteja estudando seja claramente delimitado conceitualmente, de obviedade observacional, uma atitude de cautela na compreensão da questão central se impõe.

A iniciação científica tem seus "ritos", como outras práticas, numa sociedade complexa como a nossa e onde reside a instituição universitária. Os fenômenos "pululam" e com ele as interpretações. Entretanto, ao nos apropriarmos de teorias e métodos de pesquisa, apenas nos iniciamos na familiarização do conhecer, e discursos de representação. Existem "falas" da ciência, que instituem críticas competentes aos formalismos de enunciados científicos calcados em certos parâmetros de "verdade".

Um destacado pensador francês Giles DELEUZE chega a se apresentar algo anárquico, quando radicaliza um posicionamento pelo rompimento, hoje e já, com o estatuto da "verdade científica" (construção positivista do saber que instaurou a objetividade, mas exilou o subjetivo do ser do homem) por temer na "sociedade de informação" a exarcebção dos processos de dominação pelo saber.

Contemporâneo de DELEUZE, encontra-se LYOTARD, Jean-François, numa postura algo "baconiana" (conhecimento e poder) preocupado com a lógica da operatividade da informação (cibernético-informacional) e os critérios de "tradução" (ou decodificação) do saber, percebendo que há uma potencialidade enorme nas convergências disciplinares e suas experiências. Mas, a preocupação reside na idéia de que o que não puder ser "traduzível" no âmbito do saber constituído poderá ser abandonado (com uma perda de imenso manancial, certamente, de criatividade e operosidade intelectual); e ainda teme que as pesquisas tendam a se subordinar à "... condição de tradutibilidade dos resultados eventuais em linguagem de máquina" (LYOTARD, J. F.: 1988, p.4)

Assim concebendo alerta-se, em realidade, tanto o professor-pesquisador quanto o aluno, para uma tomada de **consciência** acerca da sua **atitude** em relação a apropriação do saber e os níveis usados para representação. Então indaga-se: Como estão estruturando a espinha dorsal da sua "cosmo-

visão" de mundo? Ela existe na produção (consciente e inteligente) do saber? Ambos, professor e aluno, na troca relacional e informacional, se assumem como artífices de um conhecimento que está sendo construído quando da orientação discente na pesquisa docente (iniciação científica)?

Quando se dá forma ao projeto de pesquisa, a metodologia sugere etapas de organização, itens surgem como: problema, objetivos, justificativa, hipóteses, metodologia, cronograma e esboço de partes iniciais da monografia.

A questão que levanto reside na perspectiva do sentido (hermenêutica) que a proposta de estudo como um todo reflete. Sem o clareamento da dimensão epistemológico-metodológica do que se quer conhecer, e sem a contextualização (histórico-concreta) da investigação, corre-se o risco de um alinhamento de "pesquisas inócuas" e "descompromissadas" (sob a capa da neutralidade científica).

Não caracterizo aqui quaisquer indiciativos de "incitamento ideológico-político" (de esquerda, marxista, maoísta ou revolucionário), mas é evidente que não concebo pejorativamente a vinculação "saber e poder" (de BACON à FOUCAULT, muito há o que dizer), entretanto, o campo de tal vinculação é usado, por mim, para alardear os compromissos e responsabilidades do conhecer desde a graduação com um olhar para toda a vida universitária.

Pedindo "emprestado" o universo conceitual da Psicologia, a GESTALT aqui elucidada que tento trabalhar com a passagem da percepção à inteligência respeitadas as diferenças de estruturação do que chamamos inteligência e de organização do que se concebe como percepção:

"... o mundo percebido nos fornece os "protótipos" dessa organização; a inteligência persegue mais longe a recuperação do diverso, porém, seguindo o movimento da percepção, a inteligência o transforma e explicita sem torná-lo inútil. Escapa-se assim ao dilema clássico do empirismo e do intelectualismo, sem reduzir um ao outro." (MERLEAU-PONTY, Maurice.: 1990, p.34)

Tento também "colocar em cena", as indagações da ciência na pós-modernidade, onde as rupturas e a "perda de fundamentos"



(d'AMARAL, Márcio Tavares.: 1992, p. 61) nos atiram no "caos" e na complexidade cotidiana de "tecer" o campo social das relações humanas.

Um certo mapeamento da realidade social é evidenciado nas temáticas escolhidas para as investigações discentes e estruturadas nos relatos de monografia de final de curso, particularmente, na Faculdade de Comunicação Social da UERJ (que é hoje, o meu campo empírico de estudo, conjugado ao exercício de uma prática profissional). Desde 1989 vem aumentando o quadro de produção/apresentação das monografias; e vem sendo alterado (resultante de um natural aperfeiçoamento) os procedimentos metodológicos: desde normatizações institucionais (formalismo com as NORMAS adotadas) à práticas acadêmicas no espaço da sala de aula (adaptação de ementários para implementação de conteúdos voltados para a questão dos procedimentos científicos, como no DRP: Deptº de Relações Públicas). Tal circunstância, a do referido mapeamento temático-social, é até natural, pois espelha o grande interesse de inserção profissional do aluno concludente do curso. Porém, a despeito de encontrarmos bons relatos de estudo, um número elevado de trabalhos melhor caracteriza um conjunto de "escritos de circunstância" com objetividade e equívoco crítico (adendo meu) de quem "está se livrando" de mais uma exigência disciplinar. É factual. Entretanto, que "não pague o justo pelo pecador", algumas monografias (sobretudo aquelas premiadas na ABRP/SP) são surpreendentemente boas, no conteúdo e na forma.

Algo mais é identificado no presente panorama avaliativo dos trabalhos da FCS: realidades de natureza interna (da faculdade,

e por extensão ou inserção, da universidade) pertinentes ao nível de expectativa discente quanto a potencialização acadêmico-administrativo do próprio curso, interferem no mecanismo de desempenho (interesse, engajamento, criatividade...) do aluno, e as monografias não mascaram. A finalização do trabalho monográfico coincide com a terminalidade do curso: um processo e um ciclo caracterizam uma realidade discente de culminância, importante. A área nevrálgica tem sido a sala de aula, no revisitar do percurso, pois ainda não traduz o melhor do debate, da criatividade e da troca (simbólica, interpessoal e informacional) entre professor e aluno. E lá deve surgir a motivação para o estudo e a pesquisa, sobretudo no estágio inicial, a ser incentivada e realimentada por uma prática acadêmica de evidente e mútuo compromisso com o processo ensino-aprendizagem: quando ser e saber vivificam o "espírito universitário", e **recriam** a própria prática pelo diálogo.

A criação científica é a tarefa do pensamento, da imaginação e da articulação crítico-criativa de procedimentos culturais de pessoas que alargaram os seus horizontes de racionalidade (buscando um conhecimento comunicável) e sensibilidade (como sujeitos de ação histórica, interagindo com outros e o outro identificado) na construção do real, mas sobretudo na compreensão (e não apenas, interpretação) intersubjetiva da realidade).

Estão em desuso os "metadiscursos" ou dispositivos "metanarrativos de legitimação". E, portanto, os presentes "ITENS PARA UMA REFLEXÃO MAIOR" inserem-se (no conteúdo e na forma) numa pauta que versa acerca da CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO, que os alunos da FCS

vivenciam numa elaboração individual (embora acompanhados), com momentos previstos de uma "solidão rica e múltipla"; que vêm exigindo agudeza de pensamento, paciência, determinação, competência nos procedimentos científicos, e uma concepção aberta de ciência, para o diálogo com saberes em ciências humanas e sociais, recolocando (primeiro para si) a própria proposta da Comunicação Social.

A construção de pensamento aqui realizada desejando provocar a reflexão do alunado, deseja encontrar também o professor que está se elaborando numa dimensão de pesquisador, para recordar a importância da produção do seu conhecimento com o "brilho" da criticidade que é próprio e resultante de um autêntico processo intelectual, e que valoriza sobremaneira a sua prática docente, realimentada pela **comunicação e ação criadora** no "logos" participante e articulado na totalidade do ser e conhecer, numa integração fundamental (para o ensino superior) de **ensino e pesquisa**. A relação vigorosa entre ensino e pesquisa possibilita resgatar um "animus" que eleva a própria concepção do espaço universitário no campo social.

Angela Vieira de Faria

- Professora da Faculdade de Comunicação Social da UERJ
- Profª Assistente - Mestrado: Filosofia e Políticas de Educação no Brasil (área III/ enquadramento funcional na UERJ)
- Coordenadora da Comissão Permanente de Avaliação Curricular e Docente
- Professora de Teoria e Método de Pesquisa em Comunicação I e II e Metodologia da Pesquisa em Comunicação no Deptº de Relações Públicas da FCS/UERJ.